

ADVERSO

Nº 182 - Outubro de 2010

Impresso
Especial

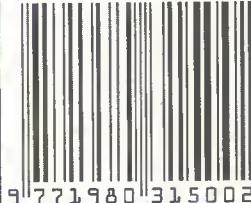
0334/2001-DR/RS

ADUFRGS

CORREIOS



ISSN 1980315-X



Instituto de Química
comemora quarenta anos
atingindo o conceito
máximo na Capes

Responsável por extenso volume de
pesquisas, inclusive para o
Polo Petroquímico, a Instituição
planeja construir um novo prédio

Páginas 09 a 12

JANTAR DE NATAL

ADUFRGS - SINDICAL

08 DE DEZEMBRO
QUARTA-FEIRA - 20HS

Local: SOGIPA - Salão Hannover
Rua Barão do Cotegipe, 415
convites: R\$ 20,00

Vendas antecipadas
(51) 3228.1188
Não haverá venda de convites no local

VENHA BRINDAR COM A GENTE!



Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior de Porto Alegre

Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
secretaria@adufrgs.org.br
www.adufrgs.org.br

Presidente - Claudio Scherer
1º Vice-Presidente - José Carlos Freitas Lemos
2º Vice-Presidente - Maria Luiza Ambros von Hollenben
1º Secretária - Daniela Marzola Fialho
2º Secretária - Elizabeth de Carvalho Castro
3º Secretária - Maria Cristina da Silva Martins
1º Tesoureiro - Paulo Artur Kozen Xavier de Mello e Silva
2º Tesoureira - Maria da Graça Saraiva Marques
3º Tesoureira - Ana Paula Ravazzolo

ADVERSO

Publicação mensal impressa em
papel Reciclado 90 gramas
Tiragem: 5.000 exemplares
Impressão: Ideograf

Produção e Edição:


ISSN 1980315-X



Edição: Adriana Lampert
Reportagens: Cláudia Rodrigues, Cleber Dioni Tentardini,
Marco Aurélio Weissheimer e Michelle Rolante
Projeto Gráfico: Eduardo Furasté
Diagramação: Eduardo Furasté e Facundo de Arriba (estagiário)
Ilustração: Mario Guerreiro
Arte Final: Julio CC Lima Jr
Foto da Capa: Suzana Pires

Editorial

Quarenta anos o ontem e o hoje da Universidade Brasileira

A educação superior, mais do que qualquer etapa da educação formal, tem sido alvo preferencial de propostas de reformas. As primeiras medidas neste sentido datam do Império e projetam-se no tempo, estando presentes em praticamente todos os principais momentos da República, tanto em circunstâncias autoritárias como democráticas. Muito antes do regime militar que a consolidou, a aspiração de uma reforma universitária já estava presente na criação da Universidade de Brasília (UnB), em 1961, nas reformas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre 1964 e 1967, e da Universidade de São Paulo (USP), em 1968, e no conjunto das chamadas "reformas de base", endossadas por João Goulart, o presidente deposto pelo golpe de 1964. Portanto, conforme afirmou Luiz Antônio Cunha em *A Universidade Reformanda*: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior (ed. Unesp, 2007): a concepção de universidade calcada nos moldes norte-americanos não foi imposta pela Usaíd, com a conivência da ditadura, mas antes de tudo, foi buscada, desde fins da década de 40 por administradores educacionais, professores e estudantes como um imperativo de modernização e até mesmo de democratização do ensino superior em nosso país.

No Brasil, a reforma foi implementada no governo de Costa e Silva (1967-1968), subsidiada pelo Relatório Meira Mattos (nome do general que presidiu a Comissão Especial nomeada pelo Ministro da Educação Tarso Dutra) e produziu um novo paradigma de educação superior no Brasil. Como consequência, no início da década de 70, as universidades públicas e confessionais foram se estruturando com base em novos padrões acadêmicos: introdução dos vestibulares unificados e classificatórios; fim do sistema de cátedra; dedicação exclusiva dos docentes; criação dos departamentos; adoção do regime de créditos como mecanismo de integralização dos cursos; indissociabilidade entre ensino e pesquisa; cursos de graduação divididos em duas fases: ciclo básico e especialização profissional; e pós-graduação composta de dois cursos distintos: mestrado e doutorado.

Foi por esta razão que foram criadas ou reestruturadas as unidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) que ora comemoram quarenta anos, algumas tema de matérias da revista *Adverso*. Como estes elementos são os que, até hoje, continuam estruturando o mundo acadêmico brasileiro, devemos como docente de uma universidade federal pública, além de comemorar, relembrar aquele momento e analisar os sucessos e insucessos obtidos nestas quatro décadas, para contribuir positivamente à proposta de reforma universitária que se desenha no momento.

Diretoria da Adufrgs-Sindical

ÍNDICE

04

EDUCAÇÃO

ESPECIAL

Adufrgs promove arrecadação de doações para crianças da Casa de Acolhimento

06

07

PRÉ-SAL

REPORTAGEM

Instituto de Química comemora 40 anos e alcança conceito 7 na Capes
por Michelle Rolante

09

13

VIDA NO CAMPUS

PING-PONG

Paixão Côrtes

"Todo conhecimento das tradições é herança para repassar às novas gerações"
por Cleber Dioni Tentardini

15

19

ARTIGO

Professor, alicerce da educação
por Carlos Alexandre Netto, Reitor da Ufrgs

NOTÍCIAS

20

21

OBSERVATÓRIO

CULTURA

Assis Brasil: da oficina de criação literária à Secretaria de Cultura do Estado
por Michelle Rolante

22

23

ORELHA

EM FOCO

Biblioteconomia homenageia professora Jussara Santos
por Cláudia Rodrigues

24

26

+ 1

SANTIAGO

27

Simpósio debate facetas da Avaliação Científica

Discussar os procedimentos e parâmetros usados nas avaliações de projetos de pesquisa, o desempenho dos pesquisadores e dos cursos de pós-graduação pelas agências financeiras (CNPq, Capes, Finep e FAPs), para atualizá-los, foi o objetivo do I Simpósio Nacional de Avaliação Científica. Realizado no dia 20 de setembro, no Centro Internacional de Física da Universidade de Brasília, o evento foi uma iniciativa conjunta da Sociedade Brasileira de Física (SBF), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e Academia Brasileira de Ciências (ABC).

Após a explanação de convidados especialistas no tema, entre eles o presidente do CNPq, Carlos Aragão de Carvalho Filho, e o diretor de avaliação da Capes, Lívio Amaral, o público presente debateu as diferentes facetas da avaliação científica durante duas horas. De imediato, ficou definido que os indicadores quantitativos de produção científica (número de trabalhos publicados) e o seu impacto são subsídios úteis nas conceituações, mas reconhecidamente insuficientes para que se julgue o mérito de um pesquisador, explica Claudio Scherer, presidente da Adufrgs-Sindical, presente na ocasião.

Segundo ele, o mau uso dos índices quantitativos como critério de mérito científico pode direcionar de forma perversa a forma de fazer ciência. "A leitura de alguns trabalhos do solicitante, apontados por ele próprio, é bem mais efetiva na avaliação do mérito e qualidade. Se o trabalho é feito em colaboração, é importante que o solicitante aponte a sua contribuição", declara.

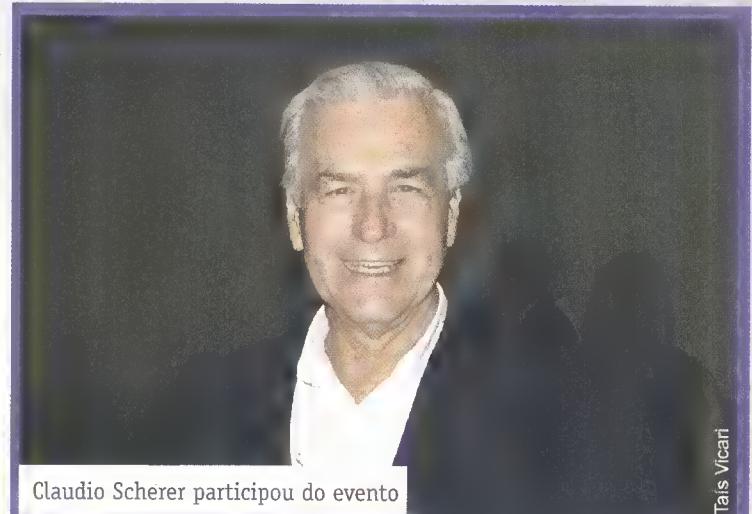
Soluções à vista

Valorizar qualidade em vez de apenas medir quantidade foi uma das alternativas consideradas durante o Simpósio. Para garantir essa opção, conforme foi decidido no evento, se faz necessário um uso maior de consultores ad hoc, especialistas na área, que deveriam ser remunerados. Deles, então, deve-se exigir uma avaliação detalhada sobre o mérito e importância dos trabalhos.

Além disso, o Qualis das revistas onde os trabalhos são publicados não deve ser utilizado na conceituação de pesquisadores. Seus conteúdos precisam ser avaliados

Qualis

Sistema de avaliação de periódicos, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no Brasil, o Qualis relaciona e classifica os veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação "stricto sensu" (mestrado e doutorado) quanto ao âmbito da circulação (local, nacional ou internacional) e à qualidade (A, B, C) por área de avaliação.



Claudio Scherer participou do evento

Tais Vicari

Financiamento à pesquisa

Durante o I Simpósio Nacional de Avaliação Científica, os participantes apresentaram muitas sugestões. Várias foram assumidas pela comissão responsável pelo evento. Entre elas, vale ressaltar:

- a) extensão do grant que acompanha a Bolsa de Produtividade de Pesquisa (BPq) aos bolsistas de nível 2
- b) continuação do atual processo de aumento do número de BPq
- c) aumento da duração dos projetos de pesquisa para três anos ou mais
- d) adoção de projetos integrados de pesquisa associados às solicitações de BPq
- e) criação de uma linha de financiamento para equipamentos para multiusuários
- f) criação de uma linha de financiamento, em fluxo contínuo, para despesas emergenciais como, por exemplo, reparo de equipamentos

pelo próprio mérito, e não pelos veículos onde são publicados. Para os participantes do Simpósio, as publicações em revistas brasileiras indexadas deveriam ser mais valorizadas, assim como as apresentações em congressos nas áreas aplicadas.

Também foi estipulado como possível solução, salienta Scherer, que cada solicitante de auxílio receba uma justificativa objetiva e sucinta do resultado da avaliação, específica para cada caso - que, entre outras coisas, possa orientá-lo na formulação de novos pedidos de assistência. Importante frisar que o Qualis é útil na avaliação dos cursos de pós-graduação, tendo sido criado com esta finalidade, mas sua relevância deve ser gradualmente diminuída frente à opinião dos responsáveis pelas análises. **A**

Doutorado-sanduíche marca território

Por Cláudia Rodrigues

O número de bolsas integrais do CNPq no exterior caiu de quase 2.800 para cerca de 500, no período de 1992 a 2007. A redução é de mais de 80%. Na contramão, a modalidade doutorado-sanduíche, em que o estudante faz uma parte da pesquisa fora do Brasil, tem registrado crescimento. Um dos motivos, é que o País conquistou reconhecimento nesse período e oferece condições satisfatórias para os alunos optarem por permanecer ou não em suas cidades.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) é um exemplo. Muitos orientadores da Instituição tiveram sua formação no exterior, e atualmente vivenciam uma nova fase: a Ufrgs tem recursos para realizar toda a especialização do aluno em território nacional. Dessa forma, pode-se dizer que hoje o doutorado-sanduíche é uma alternativa de interação internacional, explica João Edgar Schmidt, pró-reitor de Pesquisa da Universidade.

"O doutorado-sanduíche foi um período muito especial da minha vida", declara Taís Bopp da Silva, 33 anos, que escolheu fazer um pedaço do seu doutorado na área de Linguística na Universidade Livre de Amsterdam, na Holanda. Em 2008, com bolsa do CNPq, ela passou seis meses ampliando a sua pesquisa sobre formações compostas do português sob a linguística formal.

Segundo o pró-reitor, além do aumento do número de estudantes no doutorado-sanduíche, há uma sinergia entre a pesquisa realizada a nível nacional ou estadual e a que o aluno vai se dedicar no exterior. "Antigamente, a linha do trabalho era desconexa e o que o aluno brasileiro produzia ficava lá fora", diz Schmidt. Na perspectiva atual, a universidade brasileira e os seus estudantes ganham valorização e crédito dentro e fora do País.

Devem seguir na mesma lógica as bolsas de pós-doutorado, que ainda carregam a fama de serem classificadas como "do exterior". A Ufrgs já tem profissionais competentes para acompanhar o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos nessa área, avisa o pró-reitor. Ou seja, o pós-doutorado talvez venha a ser feito na modalidade sanduíche, trazendo mais possibilidades de troca e crescimento entre os países envolvidos. □



Na Holanda, Taís Bopp trabalhou de um modo diferente ao que os doutorandos estão acostumados

Arquivo Pessoal

Rotina de doutoranda em Amsterdam

Em novembro de 2008, Taís Bopp da Silva atravessou o Oceano Atlântico para fazer doutorado-sanduíche na Universidade Livre de Amsterdam (Holanda), na área de Linguística. Lá ela permaneceu por seis meses, até abril de 2009. Ainda que as suas atividades se concentrassem em Amsterdam, teve a oportunidade de fazer cursos na Universidade de Leiden e ainda participar de um congresso durante duas semanas em Groningen, localizado no norte daquele país.

Na Holanda, Taís teve a chance de trabalhar de um modo diferente ao que os doutorandos da área de letras e linguística estão acostumados. Enquanto na Ufrgs estes estudantes têm atividades fixas na universidade, durante o primeiro ano de doutorado, na Holanda o aluno cumpre uma rotina diária na instituição, como um trabalhador comum. "Isso porque o doutorando é considerado um funcionário da universidade", explica Taís.

"Toda a infraestrutura universitária é preparada para acolher estes estudantes: sala e computadores individuais, inclusive para visitantes, como eu. Na época, eu pegava minha bicicleta pela manhã e pedalava até a universidade, onde passava cerca de sete horas trabalhando", recorda.

A então doutoranda morou em um distrito estudantil, convivendo basicamente com jovens holandeses e alguns outros de diferentes nacionalidades. "Isso me deu a oportunidade de fazer várias amizades e assim melhorar meu inglês (pois a grande parte da população de Amsterdam fala este idioma quase como língua materna). A experiência foi válida, tanto pelo ganho do conhecimento científico, quanto pela vivência de uma nova realidade. Pude refletir sobre o contexto de pesquisa que temos aqui e pensar no que podemos fazer para aprimorá-lo cada vez mais", avalia Taís.



Sonhar não custa nada

Adufrgs-Sindical promove arrecadação de doações para crianças da Casa de Acolhimento nas diversas unidades da Ufrgs, com grande resposta da comunidade acadêmica

Por Cláudia Rodrigues

Faltam muitas coisas para crianças que habitam uma casa de acolhimento. No entanto, sonhos existem de sobra. Esses desejos podem ser muito simples, como querer uma prateleira, ou um brinquedo; ou grandiosos e complexos, como voltar para casa - ou jamais cogitar voltar para casa.

Retiradas de suas famílias, pelo poder Judiciário, por causa de maus tratos, crianças de zero a dezoito anos passam a viver na Casa de Acolhimento, localizada na Rua Caldre Fião, 295, em Porto Alegre. Ligado à Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), o local desenvolve um programa de abrigagem e atendimento integral para essa turma que já foi vítima de violência por parte da própria família.

Atualmente, são 70 crianças, que logo aprendem a dividir roupas, brinquedos, assessórios e o carinho dos cuidadores. Y. tem dois anos. Ela e seus dois irmãos, E., de oito e meses e de T. de 4 anos, até podem ser adotados um dia - desde que juntos. "Alguns deles vão para casa no final de semana, sob responsabilidade de algum parente que esteja realmente interessado em ter vínculo com eles", explica Fernanda Moraes, gerente e assistente social da Casa. Enquanto estão no abrigo, as crianças frequentam a escola, recebem acompanhamento psicológico e participam de várias atividades.

Segundo Fernanda, atualmente há um sonho unânime entre os pequenos: arrumar a quadra para jogar vôlei, basquete e futebol. "Precisamos da colocação de piso na quadra de esportes, que atualmente é de areia. O ideal seria grama sintética, mas um concreto já ajuda", avisa ela.

Comprometimento social do sindicato

A Adufrgs-Sindical, desde 2007, tem promovido uma atividade solidária de arrecadação de doações nas diversas unidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) durante os meses de setembro e outubro, com

grande resposta da comunidade acadêmica. Os objetos doados - na maioria brinquedos - são levados à Casa de Acolhimento e distribuídos entre as crianças.

Com a perspectiva de uma ação mais eficaz, perene e focada nas muitas necessidades básicas das crianças - recentemente elas receberam a doação de prateleiras para poderem guardar suas roupas de uso comum - a Adufrgs apresenta uma nova proposta da Campanha Solidária à Criança para 2011. A ideia é promover uma ação de arrecadação de dinheiro, via depósito em conta corrente de uso exclusivo para este fim, na qual o associado efetuaria sua contribuição. A conta permaneceria aberta durante um tempo a ser determinado. Findo este período, a Entidade irá adquirir um dos itens constantes da lista da Casa de Acolhimento. Quem quiser colaborar com doações, pode entrar em contato pelo telefone (51) 3217.5960. ☎

Lista de necessidades da Casa de Acolhimento

- rede para cobrir a quadra de esportes
- pintura com tinta acrílica em todo o abrigo
- colocação de piso e grama no pátio lateral
- lixeira grande de plástico com tampa
- 3 tonéis para roupas sujas
- 1 máquina de lavar grande
- 1 máquina de secar grande
- confecção de prateleiras boas para guardar pertences das crianças e adolescentes, como também de um mezanino na sala das mochilas
- 5 armários de 2 portas
- 4 sofás de dois lugares de um tecido bem resistente
- 6 box para o banheiro, de preferência, vidro bem resistente que não quebre
- 2 mesas grandes
- 35 cadeiras de plástico
- meias até tamanho 32, cueca e calcinha infantil (P, M, G)

Pré-sal abre oportunidades para os gaúchos

Por Marco Aurélio Weissheimer

Até 2030, o crescimento da demanda mundial de energia será da ordem de 45%, em relação à 2006. Neste período, o petróleo e o gás diminuirão sua participação na matriz energética mundial de 55% para 52%, e na brasileira, de 47% para 41%. No entanto, mesmo considerando-se a ampliação das fontes energéticas renováveis, o petróleo continuará desempenhando um papel essencial na economia mundial, pelo menos nos próximos 20 anos. No Brasil, a estimativa é que, em 2030, o consumo deste recurso natural subirá de 1,95 milhão de barris por dia (em 2008), para aproximadamente 3 milhões de barris/dia. Os cálculos são da Agência Internacional de Energia.

Avaliações preliminares apontam que as reservas do Pré-sal, no total, podem abrigar cerca de 100 bilhões de barris de óleo em reservas, o que colocaria o Brasil entre os dez maiores produtores do mundo. Estamos falando de um enorme reservatório de petróleo e gás natural, localizado na região litorânea entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, em uma área de aproximadamente 800 quilômetros, englobando as bacias do Espírito Santo (ES), Santos (SP) e Campos (RJ). Atualmente, o País ocupa o 24º lugar no ranking de produtores. A exploração destas reservas representaria um crescimento dos atuais 14,4 bilhões para algo entre 70 e 107 bilhões de barris de óleo equivalente.

Fotos: Taís Vicari



Neste contexto, a descoberta do petróleo do Pré-Sal brasileiro se torna muito relevante, tanto no cenário nacional quanto no internacional. Somando-se apenas os volumes estimados hoje nas áreas de Tupi, Iara, Guará e Jubarte, eles já constituem a segunda maior descoberta petrolífera dos dez últimos anos, abaixo apenas do campo descoberto no Cazaquistão em 2000. Desta forma, o Brasil se encontra em uma posição altamente privilegiada, pelo fato de ser um país com grande mercado consumidor, matriz energética diversificada, sólido parque industrial, alta tecnologia petrolífera, além de estabilidade institucional, econômica e jurídica. Ao contrário do que se poderia pensar, a riqueza gerada pelas reservas do Pré-sal não beneficiarão apenas os estados produtores, abrindo imensas possibilidades para todas as unidades da Federação.

Pensando nisso, a Verdeperpito Comunicação, com apoio da Petrobras, promoveu na segunda quinzena de outubro, em Porto Alegre, o seminário Pré-Sal e o Rio Grande do Sul - Oportunidades para a Indústria, Trabalhadores e Sociedade. O evento contou com a presença de estudantes de escolas técnicas do Estado, que, na plateia, ouviram do próprio presidente da Petrobras, Sérgio Gabrieli, promissoras notícias sobre o aumento da demanda por mão-de-obra qualificada, que será gerada a partir da exploração do Pré-sal.

Gabrieli citou como exemplo a recente inauguração do Pólo Naval em Rio Grande, envolvendo investimentos da ordem de R\$ 10 bilhões. "Trata-se de uma mudança estratégica para o Rio Grande do Sul, que deve alterar sua realidade, a partir do funcionamento pleno do Pólo Naval". O presidente da Petrobras anunciou que já está contratada a construção de oito navios sondas, que exigirão cerca de oito mil componentes em sua fabricação. "Um leque de oportunidades se abre para a economia gaúcha neste próximo período, tendo em vista a necessidade



de fabricação dos navios e dá busca de mão-de-obra qualificada".

Outra grande conveniência surge na área da educação. O governo federal decidiu criar o Fundo Social Soberano do Pré-Sal, destinado ao combate à pobreza, e em prol da educação, saúde, meio ambiente e cultura. A ideia, explicou Gabrieli, é investir em programas transgeracionais. "Infelizmente, a discussão entre os Estados até aqui ficou concentrada na questão dos royalties - que representa apenas 15% da riqueza do Pré-sal", lamentou o presidente da Petrobras, chamando a atenção para o gigantesco mercado que se abre na cadeia de fornecedores e de pesquisa.

Demandas por pesquisas deve aumentar dentro das universidades

O vice-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Rui Vicente Oppermann, destacou durante o seminário, os imensos desafios que a explora-



Durante o evento, o presidente da Petrobras Biocombustível, Miguel Rossetto, reforçou a dimensão dos desafios e oportunidades que se abrem para o Rio Grande do Sul e para todos os Estados da Federação. "A Petrobras se prepara para crescer. Nos próximos anos, iremos dobrar a produção de petróleo, elevar a capacidade de refino para atender ao mercado nacional, além de nos preparamos para sermos exportadores de petróleo, derivados e também de biocombustíveis. Esse é o grande desafio: a velocidade para atender o plano de negócios da empresa, a partir da indústria nacional e garantir que a renda do Pré-sal financeie o desenvolvimento social do País".

O Rio Grande do Sul, acrescentou Rossetto, não é produtor de petróleo e gás, mas dispõe de engenharia, indústrias, fornecedores de equipamentos, conhecimento, presença de universidades e escolas técnicas, infraestrutura portuária e capacidade de pesquisa. "Todos esses fatores podem contribuir para que o Estado ocupe um papel de destaque na atividade do Pré-sal", resumiu.

O presidente do Comitê de Competitividade da Cadeia de Petróleo, Gás e Energia da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Marcus Coester, destacou, por sua vez, o desafio imposto ao setor industrial gaúcho. "Nossa indústria ainda é muito voltada ao agronegócio e ao setor metal-mecânico. Precisaremos operar um redirecionamento estratégico para poder atender a essa série de demandas e oportunidades colocadas pela exploração do Pré-sal", assinalou. E esse desafio surge em curto prazo. A construção dos oito navios sonda no Pólo Naval de Rio Grande exigirá cerca de dois mil componentes diferentes. Segundo Coester, a participação do Rio Grande do Sul, hoje, restringe-se a 2% desses elementos. A meta é elevar esse índice para 10%, objetivo já incorporado no programa de governo de Tarso Genro (PT), que assume o Estado em 2011.

A concretização desse objetivo significa não só geração de emprego e renda, mas principalmente investimentos em pesquisa e formação profissional. Essa foi, provavelmente, a melhor notícia para as dezenas de jovens estudantes de escolas técnicas que assistiram ao debate com grande interesse. □



ção do Pré-sal coloca também para as universidades. No caso da Ufrgs, chamou atenção para as pesquisas já existentes na área do petróleo, como as realizadas pelo Programa de Geologia do Petróleo, do Instituto de Geociências, desenvolvido em parceria com a Agência Nacional do Petróleo e destinado à formação de profissionais capacitados a atuar no novo cenário de exploração do recurso natural no Brasil. Esse programa envolve atividades em nível de graduação e pós-graduação, oferecendo oportunidade para desenvolver ações dentro de projetos de pesquisa específicos nas áreas de estratigrafia e análise de bacias, geocronologia, caracterização estratigráfica de reservatórios e petrologia orgânica.

A Escola de Engenharia da Ufrgs também participa dos esforços de pesquisa e formação nesta área, já tendo formado várias turmas de profissionais especializados dentro do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural. O projeto já capacitou profissionais de engenharia nas áreas de planejamento e de campo, com ênfase em construção e montagem de estruturas, saúde, meio ambiente e segurança.

Instituto de Química atinge conceito máximo na Capes

Ao completar 40 anos, a Instituição planeja agora construir um novo prédio, que comporte a demanda dos trabalhos

por Michelle Rolante



Fotos: Suzana Pires

Roberto Fernando de Souza, diretor do IQ, diz que a Instituição sempre buscou alcançar o conceito 7, no decorrer de sua história

O Instituto de Química (IQ) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) está comemorando 40 anos com mais um grande desafio pela frente: construir um novo espaço, que atenda todas as demandas da Instituição.

Mas a história da Química na Universidade vem de mais tempo. O ensino superior de Química na Ufrgs iniciou em 1895. Anos mais tarde, o IQ teve sua origem no Instituto de Química Industrial da Escola de Engenharia, inaugurado em 1925. Com a reestruturação, em 21 de outubro de 1970, após a Reforma Universitária, o Instituto de Química foi constituído como Instituto Central, e tem como responsabilidade realizar o ensino e pesquisa em Química para o conjunto da Universidade.

A Reforma Universitária exigia que os cursos básicos

fossem separados, caso da Física, Química e Biologia, por exemplo. O Ensino de Graduação do IQ se consolidou como um dos melhores, devido à colaboração de docentes de renome nacional como Otto Ohlveiller e Luis Pilla. Porém, nessa época ainda não existia o Programa de Pós-Graduação.

Com a instalação do Polo Petroquímico no Rio Grande do Sul, em 1978, a demanda por pesquisa e formação de pessoal no setor aumentou. Segundo o professor Roberto Fernando de Souza, diretor do IQ, o Polo buscava suporte tecnológico e, para isso, procurou a Ufrgs. "Porém, naquele momento, não havia suporte técnico na área de pesquisa e analítica para gerar base para o Polo", lembra Souza.

Para suprir essa necessidade, foi criado o Projeto Especial de Química, que tinha como objetivo aumentar o número de pesquisas - fato que foi determinante na história do IQ. Os principais responsáveis pela redação do Projeto foram os professores Tuisken Dick, Gherardt Jacob e Peter Seidel. De acordo com o diretor do Instituto, nessa época havia algumas ações individuais na área de pesquisa, mas ainda muito incipientes. "Eu sempre trabalhei com a professora Ieda Pinheiro Dick, que fazia uma pesquisa que era quase como uma dedicação pessoal, só com alunos de iniciação científica", salienta Souza, ressaltando que essas duas ou três ações não tinham capacidade para atender as necessidades do Polo Petroquímico.

Para o professor Valentin Emilio Uberti da Costa, que atuou no IQ durante 30 anos e agora está aposentado, a luta da Instituição é um exemplo para outras áreas acadêmicas. Costa também foi importante na implementação da área de pesquisas. "O meu orientador do doutorado foi o professor Seidel, que me convidou para participar do Projeto de Química", lembra. Segundo o professor aposentado, Seidel foi cedido pelo CNPq para ajudar a desenvolver o Projeto.

Na época, a administração da Ufrgs se uniu às empresas do Polo, Capes, CNPq e Finep para instalar o parque de equipamentos e a pesquisa, além de contratar mão-de-obra. Quando começaram a chegar os equipamentos de maior porte, a conclusão inevitável era de que não teria como abrigar-se no prédio antigo. Por isso, em 1981 ocorreu um deslocamento do Centro para o Campus do Vale, e um dos principais responsáveis por essa转移ência foi o professor Valentim, que na época era diretor do IQ.

Atualmente, o Instituto possui um volume muito grande de pesquisas e também uma tradição de interação com o Polo Petroquímico. Souza destaca que existem cerca de 32 convênios assinados e contratos para o desenvolvimento de pesquisas específicas com diversas empresas - dessas, algumas para a realização de teses e outras para prestação de serviços. "Esse número flutua muito, pois sempre tem novos contratos terminando e outros tramitando", destaca o diretor do Instituto.

Instituição atende demandas de grandes empresas

O IQ possui parceria com a Braskem, empresa que controla quase tudo dentro do Polo Petroquímico, e com a Petrobras. Esta última considerada uma das principais financiadoras da Instituição. "Nossa forma de organização inclui muito desse histórico de que os grupos instalados visam a atender as necessidades da petroquímica regional e da nacional", destaca o diretor, contando que, no inicio, atendiam apenas a petroquímica regional, mas que logo passaram a atender a petroquímica nacional também.

"Cuidamos da demanda da Petrobras, como uma empresa única e que atua em todo País, e temos interações com muitas companhias de fora daqui." O Polo petroquímico tem por vocação trabalhar com plásticos,

polímeros e com borrachas. Por isso, encontra-se no IQ todo um grupo destinado à área de polímeros, que trabalha com plásticos, borrachas e modificações deste campo. "Eu atuo na área de catálise, que é o processo em que tornamos produtos simples em itens mais sofisticados, por exemplo o petróleo, que não serve para nada como tal, não tem quase nenhuma utilização", explica. A partir do petróleo é necessário um catalisador que permita a transformação deste em gasolina. O Instituto de Química tenta cobrir todas essas áreas referentes à petroquímica para fazer gasolina, diesel, fármacos entre outros.

Corpo docente envolvido com pesquisa, ensino e extensão

Em data que completa 40 anos, o Instituto de Química está comemorando o fato de ter começado muito pequeno, com pouca pesquisa instalada e progressivamente ter crescido o número de pessoas qualificadas em seu quadro profissional. Cerca de 97% dos professores têm doutorado ou pós-doutorado e praticamente todo corpo docente está envolvido com pesquisa, ensino e extensão. "Muito mais pesquisa e ensino do que extensão, é bem verdade. Hoje temos algo em torno de 170 pesquisas no IQ", salienta o diretor.

Cada professor tem seus alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado, e cada um deles tem uma pesquisa individual. Além disso, o IQ dá aulas de química para quase todos os cursos da Universidade. "Possuímos, aproximadamente, cerca de 600 alunos no Instituto, mas o número de estudantes das engenharias é o dobro. Esses alunos têm uma carga menor, mas também precisam ser atendidos", afirma Souza.

No curso de Química, atualmente estão matriculados 650 alunos; a pós-graduação em Química hoje tem 150 alunos, e cada um deles terá uma tese e uma orientação específica, estará dentro do laboratório e terá todo um processo de acompanhamento.

Reconhecimento pelo conceito máximo na Capes

A segunda grande comemoração do IQ é a conquista do Conceito 7 concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) ao Programa de Pós-Graduação em Química, considerado um dos mais tradicionais no Instituto. Além deste, existe o Programa de Pós-Graduação em Materiais, que é multidisciplinar.

Outro motivo para comemoração no IQ são os 25 anos do Programa de Pós-graduação em Química, iniciado em 1985. "Quando eu comecei a Iniciação Científica, não tinha curso de pós-graduação, e então nós lutávamos e, ao mesmo tempo, nós lastimávamos, porque não existia pós", conta Souza. Neste mesmo ano, foi implementado o curso de mestrado e o primeiro conceito que o IQ obteve da Capes foi o 3. "Durante toda minha carreira eu acompanhei a luta para alcançar o conceito 7. Por isso, agora é muito bom olhar para traz e ver que começamos com o conceito mínimo, necessário para se instalar, e 25 anos depois alcançamos o conceito máximo no Brasil."

De acordo com o professor Roberto, o objetivo maior da Instituição era alcançar o reconhecimento através da

nota 7 da Capes. "Através desse esforço é que foi possível realizar projetos, lutar para ter pessoas e equipamentos, e aumentar o número de alunos." Para o diretor do IQ, o sucesso dos projetos em um instituto pode ser medido por dois indicativos: pelos alunos que se formam dentro do curso e pelo reconhecimento nacional e internacional que vem com o conceito da Capes. Este, faz parte de fórmulas para cálculo de orçamento, por isso obter o conceito 7.

A partir desta avaliação, adquire-se mais liberdade para administrar os recursos que vêm em maior volume e autonomia para aplicar, porque a Capes reconhece que o curso chegou à maturidade. "Atingir o conceito 7 é um prazer muito grande para nós e essa foi a primeira vez que conquistamos essa nota. Fomos galgando degrau por degrau", comemora Souza.

Segundo ele, isso afeta a matriz orçamentária e o número de bolsas destinadas à Instituição, e influencia na obtenção do reconhecimento - que é o mais importante para a Universidade. "O Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) forneceu muitos professores e técnicos, porém o número de salas para comportar todos eles continua o mesmo. Com esse conceito também teremos que administrar o crescimento: vamos ter que ter estrutura para receber professores visitantes e também outros professores que virão para cá", avalia o diretor.

Crescimento da Instituição exige mais espaço físico

"O Instituto de Química pretende ser o melhor do Brasil. Hoje estamos entre os melhores, mas, para isso,

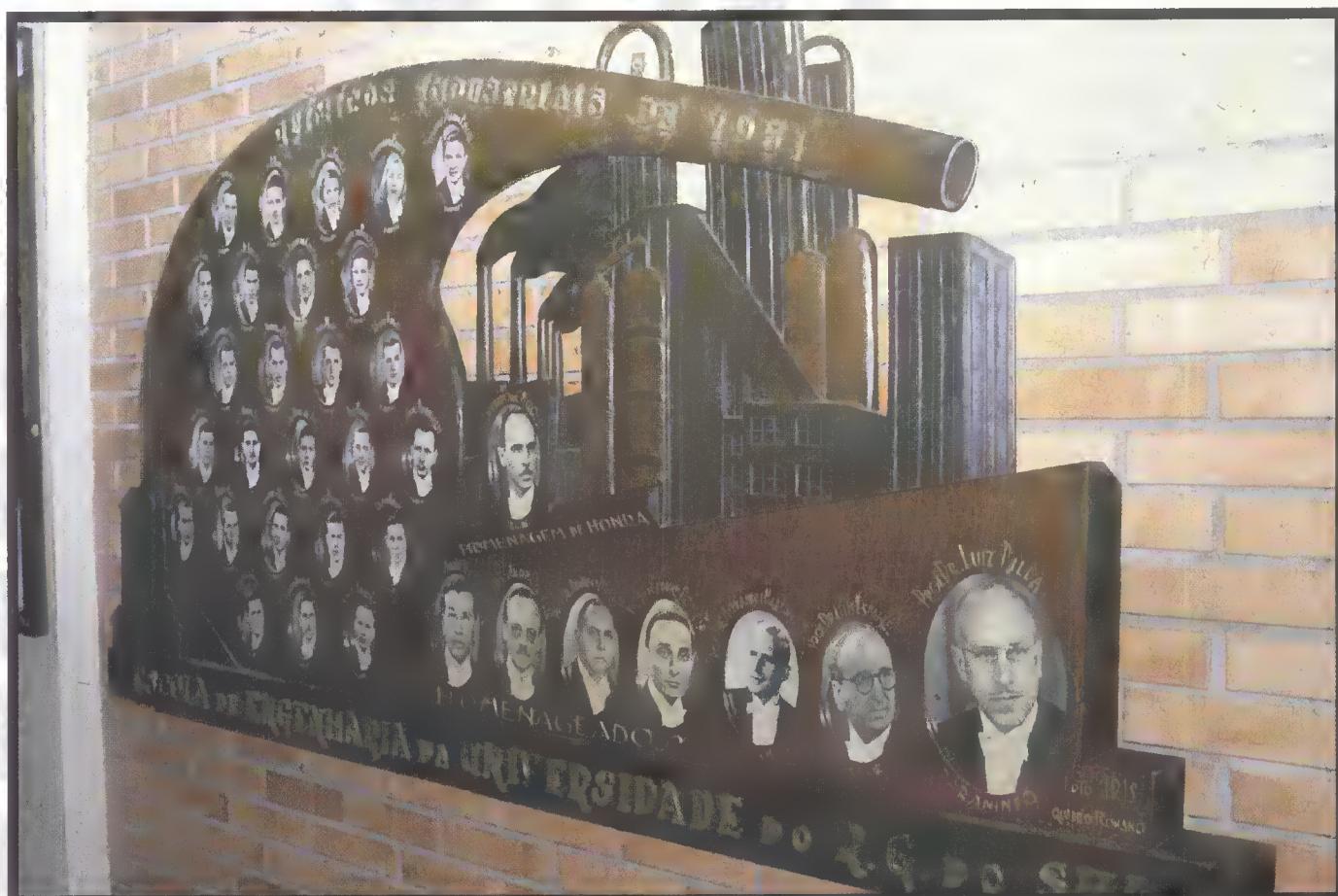
é imprescindível ocuparmos um novo prédio, pois os que estão sendo utilizados atualmente são pequenos para as necessidades do curso - além de apresentarem problemas técnicos de toda a ordem e estarem envelhecidos", destaca o diretor da Instituição. "Nosso projeto número um hoje é a construção de um novo prédio para o IQ", salienta.

De acordo com Souza, toda comunidade acadêmica reconhece esse projeto como o mais importante entre todas as demandas atuais. "A nossa luta, enquanto direção, é obter as autorizações para construir o novo prédio, porque os recursos para as obras, o local e os projetos nós já possuímos", afirma.

Para o professor Valentim, a disposição e o espaço físico do IQ também são insuficientes para o número de pessoas e qualificação que têm. "A demanda atualmente é maior e não há espaço para pesquisa", destaca. A infraestrutura necessária para montar laboratórios deve ser maior tendo em vista que a tecnologia se desenvolveu muito e os equipamentos também mudaram. Por isso, é necessário um espaço adequado para colocá-los.

O Instituto de Química (IQ) tem um número de publicações impressionante, além de possuir também uma quantidade significativa de patentes industriais depositadas. "Inclusive, recebemos royalties de algumas invenções que foram feitas pelos professores da Instituição, através de convênios", destaca o diretor da Instituição.

Um exemplo é o bloqueador solar, Photoprot, que foi industrializado: o IQ recebe royalties, que serão utilizados para construir o novo prédio. Mas segundo o diretor,



a maior fonte de recursos é a Petrobras.

O Instituto também possui convênios específicos para construção de prédios e conta com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). "Na verdade, no momento nem estamos captando mais recursos, porque nosso maior problema não é este, e sim as autorizações para construir", avalia Souza, destacando que é necessário que os projetos tenham todas as licenças necessárias da Prefeitura.

A Ufrgs está encerrando os relatórios de impacto ambiental que são exigidos pelo Município. E os atuais prédios do curso de Química serão utilizados para expansão da Matemática, Física, Geografia e Letras que acabaram tornando-se parceiros do IQ. "Nós precisamos de estruturas especiais - por exemplo, para os laboratórios de química, como segurança e equipamentos - e também para mexer com os produtos."

Os prédios atuais foram feitos em um formato padrão e com tecnologia da década de 70. Segundo o professor Valentim, essa era uma característica da época, quando também os prédios eram pré-moldados porque ser mais econômico.

Projeto em andamento

As próximas instalações do curso de Química foram planejadas com a experiência da Pós-Graduação e também avalizadas pela Petrobras e pela Agência Nacional do Petróleo, afinal estas possuem as condições técnicas para desenvolver o projeto. "Nós queremos erguer o prédio para oferecer um ensino melhor e formar cidadãos mais qualificados para o País. O objetivo é dar aula e formar pela pesquisa", diz o diretor. A Ufrgs pretende fazer tudo dentro das normas mais estritas da lei e ambientais. A Petrobras precisa de recursos humanos, porque não tem mão-de-obra suficiente para suprir suas necessidades e pretende investir nessa formação. "Eu digo que, enquanto Universidade, queremos formar as pessoas. Então pergunto se eles têm possibilidade de investimentos, e a Estatal diz que depende dos projetos que apresentarmos", destaca.

De acordo com o diretor, o curso de Química também dispõe de recursos da Finep que foram depositados em 2006 na conta da Instituição. A Reitoria da Universidade está apoiando o curso para conseguir as autorizações necessárias para iniciar as obras. "Acredito que o maior temor é que o meio ambiente não seja respeitado, e por isso o projeto prevê que impacto ambiental seja minimizado e que todas as árvores que tenham que ser retiradas sejam replantadas para que esse projeto seja exemplar."

Centro de Gestão e Tratamento de Resíduos Químicos

Durante muito tempo a Química sofreu críticas em relação aos resíduos gerados. No início, esses resíduos eram encaminhados para quem pudesse descartar. De acordo com Souza, o Centro de Gestão e Tratamento de



Souza: "O Instituto de Química pretende ser o melhor do Brasil. E já estamos entre os melhores"

Resíduos Químicos (CGTRQ) foi criado durante a gestão do professor Valetim Uberti da Costa. "Na década de 90, nós não jogávamos nenhum resíduo químico nas pias e no esgoto da Instituição", lembra Costa.

O objetivo do Centro era mostrar que a Química tinha mais competência que os organismos de controle para tratar os resíduos. A princípio, o CGTRQ foi criado para atender às necessidades da Química e se expandiu, transformando-se num órgão auxiliar. Hoje o Centro trata resíduos químicos de toda Universidade e de algumas empresas - principalmente os considerados problemáticos e que necessitam de tecnologia e competência.

"No projeto do novo prédio, um dos objetivos é ter emissão zero", destaca o diretor. Todos os resíduos são encaminhados para o CGTRQ para serem devidamente tratados. Em alguns casos, os rejeitos devem ser queimados. "Porém, como não há estrutura para fazer isso dentro do Centro, enviamos para um local especializado." Atualmente, o CGTRQ não queima nenhum produto químico, porque gera o gás que deve ser tratado. "Ainda não temos autorização da Fepam (Fundação Estadual de Proteção Ambiental), devido ao medo do que pode gerar o gás de queima", afirma Souza. O IQ pretende suprir essa necessidade nas novas instalações e ter um local para realizar esse processo. Os resíduos sólidos são todos tratados no próprio Centro que possui as autorizações necessárias. Enquanto isso, os gasosos são tratados convenientemente no próprio local em que é emitido de maneira segura.

O CGTRQ é uma estrutura da Universidade e funciona como órgão auxiliar da química, mas demanda muito trabalho. Afinal é difícil para uma unidade tratar os rejeitos de toda uma Universidade. "Porém, nós insistimos, porque acreditamos que é algo exemplar e achamos que devemos mostrar para a sociedade como se tratam os resíduos químicos", afirma o diretor. Ele ressalta que atendem diversas empresas com casos especiais de produtos e realizam trabalho como prestação de serviços. "É muito comum, principalmente para empresas pequenas e o volume é enorme. Esse trabalho toma muito tempo e sacrifício e nem sempre há um reconhecimento." 

Pesquisa desenvolvida na Ufrgs combate desperdício de água

Estudante de Engenharia ganha prêmio do CNPq por tecnologia desenvolvida para ser usada no banho

Por Marco Aurélio Weissheimer

A crescente escassez de água no mundo e o agravamento deste problema pelo desperdício no uso deste recurso são temas presentes hoje na agenda das nações. Segundo estimativas da ONU, cada pessoa precisa, em média, cerca de 33 mil litros de água por mês - equivalente a 110 litros por dia -, para suprir suas necessidades de consumo e higiene. No Brasil, esse índice ultrapassa 220 litros por dia. Nos EUA, é de aproximadamente 500 litros diários.

A preservação das fontes deste recurso finito e não renovável vem sendo alvo de pesquisas em vários países. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) também está contribuindo com esse esforço internacional. Recentemente, um estudante de Engenharia de Produção da Universidade ganhou prêmio do CNPq por desenvolver uma tecnologia que diminui o desperdício de água na hora do banho. A pesquisa mostra como um dispositivo simples e eficiente pode ajudar a enfrentar um problema global.

O estudante, Cleiton Cristiano Spaniol, explica que a tecnologia é pioneira no sentido de economizar água na hora do banho, usando apenas dispositivos que podem ser encontrados em qualquer loja de produtos elétricos e instalados dentro de aquecedores a gás. A originalidade da pesquisa valeu a ele o segundo lugar na categoria superior do XXIV Prêmio Jovem Cientista, cujo tema este ano foi "Energia e Meio Ambiente – soluções para o futuro".

A Ufrgs ganhou o XXIV Prêmio Jovem Cientista CNPq na categoria Mérito Institucional, dedicado à instituição com maior número de trabalhos com mérito científico inscritos. A edição deste ano bateu o recorde de inscrições, com várias pesquisas em áreas relacionadas a biocombustíveis, economia de água, geração de energia eólica e redução da poluição atmosférica, entre outras.

A pesquisa de Cleiton Spaniol teve por objetivo assegurar uma maior economia da água, e não sua reutilização. "Com a nova tecnologia desenvolvida, a partir do uso de dispositivos à venda em lojas de material elétrico, o consumidor deixa de gastar a água fria, que é totalmente desperdiçada antes do início do banho quente. Dessa forma, a água sai no chuveiro apenas quando já se encontra na temperatura ideal para banho", explicou o jovem pesquisador ao apresentar o seu trabalho.

A tecnologia criada pelo estudante do curso de Engenharia da Produção consiste em dois sistemas que podem ser instalados em aquecedores a gás. O primeiro, funciona a partir da instalação de um termostato digital interligado a uma válvula solenoide, responsável pelo



Arquivo Pessoal

controle da pressão e do escoamento de fluidos nas tubulações. Instalado o mecanismo no aquecedor, o usuário deve programar o termostato para a temperatura de banho desejada. Assim, comandos elétricos sobre a válvula impedem a saída de água do chuveiro, enquanto a mesma não atinge a temperatura programada.

O segundo sistema é acionado por meio de uma chave de fluxo com funcionamento automático, um temporizador e a mesma válvula do sistema anterior. Cleiton Spaniol explica o funcionamento desse sistema: "Ao ligar o registro de água, sua passagem é liberada pelo encanamento. O fluxostato detecta este fluxo e, instantaneamente, emite um sinal elétrico para o temporizador, que controla a abertura e o fechamento das vias da válvula. Pelo tempo que for conveniente, o temporizador controlará o redirecionamento da água no sistema, deixando aberta a via que impulsiona a água para o reservatório. Passado o tempo programado, o temporizador inverte o fechamento das válvulas, liberando a passagem para a ducha".

"Receber o Prêmio Jovem Cientista foi um grande reconhecimento, me valorizou como profissional e deu visibilidade à minha universidade. Gostaria de dividir essa recompensa e coautoria do projeto com Fernando de Souza Cantarelli e Jefferson Luis da Silva, colegas que ajudaram em várias etapas desse trabalho", disse Spaniol, ao receber a premiação. Iniciada em 2006, ainda durante o ensino técnico em mecânica, a pesquisa desenvolvida pelo estudante ganhou forma no laboratório de Otimização de Produtos e Processos (Lopp) da Ufrgs, sob a orientação do professor José Luis Duarte Ribeiro. □

Números do desperdício de água no Brasil e no mundo são impressionantes

Com simplicidade, eficiência e originalidade, a pesquisa de Cleiton Spaniol desenvolveu uma tecnologia capaz de economizar vários litros de água a cada banho. Não é pouca coisa. O desperdício de água doméstico é um problema grave. Segundo o Programa Rede das Águas, da Fundação SOS Mata Atlântica, esse índice pode chegar a 70% no Brasil. E cabe lembrar que, do total de consumo de água de uma residência, cerca de 78% é gasto no banheiro. Os banhos são responsáveis por 11% do consumo global de água nas residências. E um banho com 15 minutos de duração pode gastar até 135 litros de água. Quem está debaixo de um chuveiro não costuma pensar nisso, mas os números acima dão uma nítida ideia da economia de água que uma tecnologia simples e eficiente como a desenvolvida pelo estudante de engenharia pode trazer.

Alguns outros números reforçam a importância econômica e ambiental da pesquisa. No Brasil, segundo estudo do Instituto Socioambiental (ISA) sobre consumo e desperdício de água nas cidades brasileiras, o índice de consumo do por pessoa ultrapassa a casa de 220 litros por dia.



Suzana Pires

Escassez de água no mundo

Ao contrário do que muita gente parece pensar, a água é um recurso finito e cada vez mais objeto de disputa. A aparente indiferença da maioria da população em relação a esse problema pode estar ligada à imagem da Terra como um planeta azul, repleto de água. De fato, cerca de 70% da superfície do planeta é coberta por água. No entanto, quase toda a água que existe na Terra (mais de 97%) é salgada e está nos oceanos, sendo imprópria para uso doméstico, agrícola e industrial. Ou seja, apenas 2,5% da água do planeta Terra é doce e a maior parte dela está congelada em geleiras. Menos de 1% de toda a água que existe no planeta é própria para consumo humano, portanto, e, muitas vezes, está localizada em lençóis subterrâneos de difícil acesso. Desenvolver tecnologias que permitam economizar alguns milhares de litros de água por dia, como a do estudante da Ufrgs, significa enfrentar um dos mais graves problemas ambientais e sociais do planeta.

Os litros de água diárias economizados por alguém que toma banho utilizando um chuveiro aquecido a gás em Porto

Alegre podem significar muito para outras pessoas, especialmente aquelas que estão nos estratos mais pobres da população. São essas que sofrem mais duramente os efeitos do problema da escassez de água.

Ainda segundo dados da ONU, cerca de 1,1 bilhão de pessoas não têm acesso à água tratada no mundo. Cerca de 2,6 bilhões de pessoas não têm instalações básicas de saneamento (população vivendo na África e na Ásia, em sua maioria). Somente a diarréia, causada por desidratação ou consumo de água imprópria, causa a morte de 4.900 crianças menores de cinco anos por dia.

A comparação entre os índices de consumo também dá a exata dimensão do tamanho do problema do desperdício. Enquanto um habitante de Moçambique consome, em média, menos de 10 litros de água por dia, um europeu consome entre 200 e 300 litros/dia, e um norteamericano, mais de 500 litros/dia (50 litros só nas descargas).

O Brasil tem uma grande responsabilidade no enfrentamento desse problema. De toda a água doce disponível no planeta, cerca de 13,7% estão no País. A pesquisa desenvolvida por Cleiton Spaniol, entre outros méritos, pode incentivar as pessoas a se lembrarem desses números na próxima vez que abrirem uma torneira ou um chuveiro.

Paixão Côrtes

“Todo conhecimento das tradições adquirido é herança que temos que continuar repassando às novas gerações”

Autor de mais de 80 publicações ao longo de 63 anos dedicados à pesquisa da cultura popular rio-grandense e brasileira, Paixão Côrtes, 83 anos, é o novo patrono da 56ª Feira do Livro de Porto Alegre. Batizado

João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, esse fronteiriço de Santana do Livramento escreveu sozinho e em parceria livros, livretos, artigos, folhetos, opúsculos sobre danças, vestimentas, músicas, gastronomia e ovinocultura, sua especialidade como engenheiro agrônomo.

Algumas de suas obras são consideradas clássicos do regionalismo.

Atualmente, desenvolve pesquisa que já conta com mais de 700 páginas, sobre danças gaúchas. No mês passado, lançou um livreto que traz relacionada toda a sua obra literária.

Gravou oito discos. Pelo menos 20 músicas foram feitas em parceria com Luiz Carlos Barbosa Lessa. Os olhos lacrimejam ao lembrar do amigo, falecido em 2002. Paixão Côrtes é um dos responsáveis pela fusão da saga farroupilha com a cultura regional, mas não foi proposital. Ele e os colegas do Colégio Júlio de Castilhos - mais conhecido como Julinho - decidiram repetir na cidade os costumes da campanha, e iniciaram um movimento, justamente, em setembro, marco da Revolução. Vestiram bombacha, cevaram o mate e saíram às ruas, em uma afronta aos modismos norteamericanos.

Este ano, sua escolha como patrono ainda suscitou algumas críticas, mas não há dúvida que o homem rural que quebrou todos os preconceitos na sua busca incansável pelas raízes gaúchas está à altura da grande feira literária a céu aberto da América Latina.

Por Cleber Dioni Tentardini



Paixão Côrtes

Adverso: O senhor assume o título de patrono da Feira do Livro, exatos dez anos após o Barbosa Lessa receber a menção...

Paixão Côrtes: É uma honra, porque o Lessa foi um grande escritor e estudioso, com quem fiz parceria por muitos e muitos anos. E ainda hoje, quando faço pesquisas, sempre recorro aos trabalhos do Lessa, das suas inúmeras publicações. Algumas coisas que o tempo quase apagou, agora eu estou revendo em um livro de 700 páginas.

Adverso: São 63 anos de trabalho com a escrita?

Paixão Côrtes: Eu não me considero escritor, mas um escrivinhador. Eu vou lá na fonte pesquisar, e coloco e comunico a alma do povo, como ciência do folclore. Eu relato as minhas vivências. Minha orientação é a coletividade, a sapiência do povo, seu comportamento comunitário no dia a dia, reconstituir em originalidade.

Adverso: Seu trabalho é considerado pioneiro...

Paixão Côrtes: Lá pelos anos de 1947, 1948, tive a primeira oportunidade de vestir roupa regional gauchesca em um ambiente social, declamando e dançando - o que era uma coisa raríssima naquela época, quase proibitiva. Foi um momento marcante na minha vida, porque um homem da campanha, do convívio nos galpões, de uma hora para outra vai ao salão e se coloca como uma representação artística ao natural. Então foi um crescente que saiu dos galpões, passou pelo teatro e projetamos para fora do País. Da Capital para a Europa. Fizemos oito viagens à Europa, cantando, dançando.

Adverso: Foi difícil conquistar a Capital?

Paixão Côrtes: O Rio Grande do Sul estava impregnado dos grandes feitos históricos. Os historiadores louvavam as obras deixadas como documento, que é uma complementação. E nós procurávamos o falar, o linguajar, o conviver. Queríamos saber como dançavam, cantavam e a convivência social transmitida espontaneamente através das gerações.



Paixão Côrtes passeia na Feira do Livro com sua esposa Marina

Adverso: O senhor tem se movimentado pela Feira de calça corrida. Mas as pessoas preferemvê-lo de bombacha, bota e lenço encarnado.

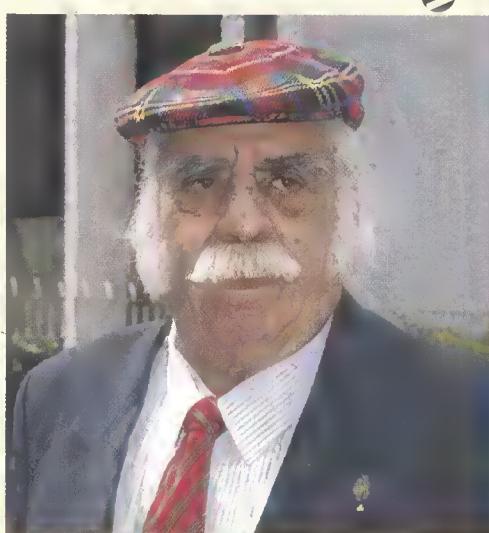
Paixão Côrtes: O meu existir sempre é um momento da minha vida, de alma e de espírito. Então eu não me sinto na obrigação de estar sempre representando. A minha convivência espontânea com o homem do campo não foi uma justificativa para levar uma mensagem de progresso e tecnologia, mas para melhor entendê-lo e poder levar as mensagens de bem estar social e, também, de tradicionalismo.

Adverso: Houve algumas críticas sobre as adaptações que a Câmara Rio-grandense do Livro fez para corresponder ao estilo do novo patrono. Como foi esse processo?

Paixão Côrtes: Nós conversamos, sugeri algumas coisas, todos aprovaram. Assim como se aproveita os temas originais, que são lembranças vivas. A matraca, por exemplo, é uma lembrança viva, uma comunicadora muda, sem palavra, mas sonora, que servia para chamar a atenção nos povoados sobre fatos, sejam sociais, culturais, religiosos ou políticos. Uma coisa que causou surpresa para o pessoal da Câmara é o mate doce de comadre, servido em cuia de porcelana, tomado com bomba especial, acompanhado com mel, queijo, rapadura.

Adverso: Mas a principal ideia é uma exposição de objetos?

Paixão Côrtes: Eu sugeri algumas coisas que são vivências do passado, manifestações que estão vivas no interior do Estado, para que o público veja um outro aspecto que ele não vê na Capital. E mesmo que estiver fora, dificilmente presenciará esses costumes remanescentes das primitivas culturas lusitana, brasileira, espanhola, etc. A ideia é a matraca substituindo o sino. E também convidar o público para tomar o mate doce. Se uma mulher está amamentando, toma com leite; se há uma conquista amorosa silenciosa, proibida, toma o mate com um pedacinho de casca de laranja, isso quer dizer "vem me buscar logo de noite". São coisas que já desapareceram da vivência atual, mas ainda persistem na memória e nos objetos que guardam fidelidade. E que podem ser vistas sem ferir a concepção original ou criar uma nova dimensão da Feira. Eu não crio nada. Eu só registro e conceituo. Eu





Paixão dança Chula, na presença de grupo do CTG 35, em 1953, e participa de desfile na chegada dos restos mortais de David Canabarro, em 1947

fotografo, documento, projeto ao povo o que é do povo. A liberdade das pessoas, da sua cultura, da sua maneira de ser nos diferentes níveis sociais, vai lhe dizer das suas assertivas e do seu bem estar. Autenticidade, na minha opinião, vem em primeiro lugar.

Adverso: Como eram as primeiras edições da Feira do Livro? Havia publicações sobre as tradições riograndenses?

Paixão Côrtes: Naquela época não se encontrava. Estavam todos esquecidos. Havia mais obras que se atinham aos fatos históricos da Revolução Farroupilha. Pouca coisa se falava do viver e conviver do povo. Nós achamos que deveríamos reagachar o Rio Grande nesse sentido.

Adverso: E onde encontraram as obras esquecidas?

Paixão Côrtes: Estavam nos sebos. Depois, quando surgiu o movimento do Julinho, em 1947, e do CTG 35, em 1948, é que afloraram os poetas. Porque eles não tinham vez para chegar em uma casa ou em um evento e dizer seus versos. Então, nós tivemos a petulância de levar ao povo os valores que colhemos do próprio povo. Porque folclore como vivência, sapiência de agir e reagir espontânea do povo, eram pouco considerados, a nível mundial inclusivo. Nem a Comissão Nacional de Folclore tinha sido criada ainda.

Adverso: Os editores começaram a publicar esses trabalhos aos poucos....

Paixão Côrtes: No começo, os editores que participavam da Feira eram muito modestos. Mas depois começamos a encontrar ali as fontes de pesquisa. E os

autores, porque nós queríamos dialogar com eles. A Feira vem ao encontro do povo. Isso é importante.

Adverso: Onde aparecem os negros nas raízes gaúchas?

Paixão Côrtes: Encontramos manifestações em todo o Rio Grande do Sul. Tem os tropeiros birivas, que desciam das bandas da Vacaria até o litoral, os negros de Rio Pardo e do seu entorno, nas lavouras de Osório, Palmares, Mostardas, onde existe uma cultura completamente diferente da zona da campanha, que é mesclada de espanhóis e portugueses.

Adverso: Os episódios que envolvem os negros foram deixados de lado na História...

Paixão Côrtes: Pois é, esses são fatos históricos, mas eu não me ative à história e, sim, à vivência espontânea do povo. Os lanceiros negros foram trazidos à tona como um acontecimento revolucionário de determinada época, mas não tem a abrangência dos caiambolas - assim chama-se a cultura afro-riograndense, e não quilombolas, que é usada fora do Estado. Quilombola só refere à quilombo e eu estou me referindo à cultura fora do quilombo.

Até o indivíduo de origem afro, de pele escura, mal sabe ele, muitas vezes, a sua própria origem. Questiona o direito de ser reconhecido socialmente, mas pouco conhece da sua cultura autêntica. Eu danço todas as danças afrós, mas não vejo o elemento que se diz representante desta cultura dançar e cantar originalmente kikumbi, moçambique, pagamento de promessa, olarai. Isso é o original, isso eu fotografiei, filmei, tenho os instrumentos, eu canto e danço.

Adverso: O senhor e o Barbosa Lessa conseguiram isolá esse maniqueísmo pampeano das tradições gaúchas, de chimangos e maragatos?

Paixão Côrtes: É, tem que entender que a Revolução, e depois a guerra farrapa, atingiram o povo riograndense, onde estavam farroupilhas e caramurus. Era questão de sobrevivência. E os rio-grandenses encontraram uma razão de viver com dignidade. Agora, o gaúcho que hoje nós citamos começa a aparecer em 1787. É aí que a palavra gaúcho ganhou o sentido atual. Até, então, eram vagabundos, índios vagos. Aqui eram terras de ninguém. O índio representava a espécie livre, sem morada fixa, faianeiro, que trabalhava nas fazendas por remuneração. Por aqui, o homem com família e morada fixa começa em 1732, com as primeiras sesmarias.

Adverso: Muitos criticam os tradicionalistas porque comemoram uma guerra que perderam, no caso, a dos Farrapos.

Paixão Côrtes: São coisas diferentes. As pessoas confundem os fatos históricos, documentais e filosofias políticas, com a cultura regional. A vivência do povo, sobrevivência e perenidade é outra coisa. Às vezes coincide, outras vezes não.

Adverso: O senhor ainda participa das comemorações do 20 de setembro?

Paixão Côrtes: Durante 364 dias eu vivo intensamente as coisas que me dão prazer, que me trazem responsabilidade, que me dão satisfação de transmiti-las às novas gerações. Agora, o 20 de setembro é o dia do gaúcho, é o



meu dia, aí eu descanso. Ao contrário de muita gente, que inverte, que faz do dia 20 a única razão de ser gaúcho.

Adverso: E muitos extrapolam. No Parque Harmonia, duas ou três pessoas morreram este ano, devido a desentendimentos.

Paixão Côrtes: Alguns se excedem nas manifestações em uma necessidade de auto-affirmação de coisas que normalmente eles não têm oportunidade de se projetar dentro da normalidade social, cultural. Então, ele extrapola na imagem hipotética de uma figura que desapareceu, a do gaúcho a cavalo, armado, pronto para a luta.

Adverso: O senhor chegou a criticar as cavalgadas pelo Litoral. Por quê?

Paixão Côrtes: Acho que tudo em excesso perde a razão de ser, seja em uma cavalgada, em um bolicho, ou em um baile. E tudo tem que ter um porque: você se veste assim, fala desse jeito, toma uma atitude, não é para mostrar para os outros, mas porque sente necessidade de estar digno consigo mesmo. Passei 60 anos investigando, mas eu não me propus a subir no palco, eu sou um homem do campo, e tudo que faço - ainda hoje monto a cavalo - é porque fiz a minha vida toda. Isso é tradição. As vivências citadinas são modismos transitórios.

Adverso: Nas suas andanças com o Barbosa Lessa havia a noção do tamanho que poderia tomar todo esse conhecimento adquirido?

Paixão Côrtes: Naquela época, era muito frequente a gente tomar como referência as atitudes norte-americanas, especialmente depois da Segunda Guerra - e existiam muitos slogans, como "O que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil". Bem, e aí nem um futurologista norte-americano teria a capacidade de prever um movimento desse porte. Hoje, existem mais de 60 CTGs nos Estados Unidos.

Adverso: Os senhores acompanhavam os bailes "lá de fora", da campanha, para registrar os costumes, as danças, as músicas?

Paixão Côrtes: Não existiam bailes. O primeiro baile gaúcho foi em 1947. Quando nós começamos a pesquisar, o Lessa e eu, era muito difícil encontrar uma pessoa de 70, 80 anos que se propusesse relembrar sua juventude, dançando, sapateando - porque aquilo era uma temeridade, uma demonstração de primitivismo, uma coisa ultrapassada, rudimentar, com a qual o Rio Grande não podia perder tempo.

Adverso: Pode-se dizer que eram bailes familiares?

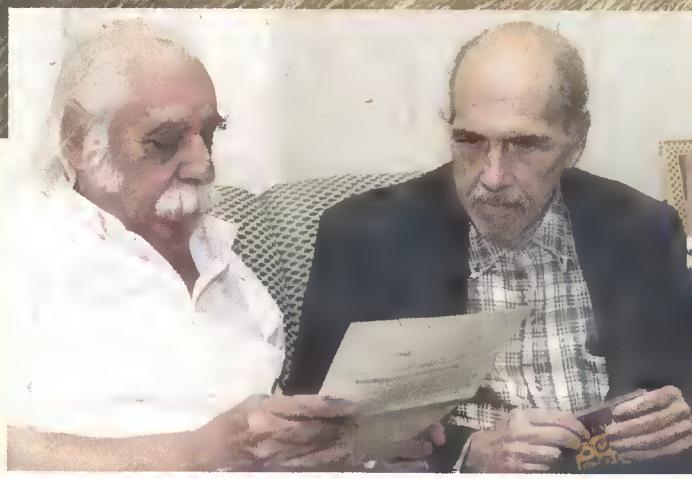
Paixão Côrtes: Os bailes familiares não correspondiam às danças, hoje de projeção folclórica.

Adverso: Que músicas tocavam?

Paixão Côrtes: As pessoas dançavam rancheiras, xote, tinham os bailes de pé de cabra. Chegavam em uma casa e abriam espaço como um salão. E era uma festa, os velhos dançavam, cantavam, porque os gaiteiros também não tinham oportunidade de tocar sua música, considerada retrógrada, e o homem rural queria também evoluir, então essas músicas ficaram na memória de raros informantes, os quais nós fomos buscar, fotografamos, gravamos, filmamos e estamos reproduzindo até os dias atuais.

Adverso: O pessoal "de fora" é mais desconfiado. As pessoas não estranhavam as atitudes de vocês?

Paixão Côrtes: Um dos aspectos marcantes era a forma como nós fazíamos os mais velhos mostrar como eram as danças. Como eles não queriam se expor ao ridículo, eu inventava uns passos e começava a sapatear, aí ele dizia que não era assim, mas desse jeito e tal, então eu ia provocando e anotando. E assim foram-se reproduzindo musical e coreograficamente. E diziam: "Segura o Paixão, que ele é meio louco". Sim, porque dois homens se expondo ao ridículo no meio do mato, no meio do campo, dançando



Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, em 2001

juntos, imagina o que pensavam os outros que estavam olhando. É uma coisa que era muito engraçada é que achavam que eu estava atrás de alguma herança. Porque eu não falava com os mais moços, só com os mais velhos e queria saber de seus antepassados, como viviam, o tamanho das propriedades, o que comiam, o que faziam.

Adverso: Aqueles estudantes do Julinho sabiam o que estavam fazendo?

Paixão Côrtes: Para nós era algo normal. Não todos, até porque eu consegui 14 arreios mas só oito quiseram montar, os demais tiveram vergonha. No Grupo dos Oito, que acompanhou a chegada dos despojos do Canabarro a Porto Alegre tinham os irmãos João e Fernando Machado Vieira, meus primos, de Cruz Alta, o (Orlando) Degrazia, de Itaqui, e o Ciro (Dutra Ferreira), de General Câmara. O (Barbosa) Lessa entrou depois.

Adverso: Há quatro ou cinco anos o senhor reencontrou o músico Zé Gomes, seu companheiro dos Tropeiros da Tradição e de Os Gaudérios. Chegaram a rabiscar algum trabalho antes dele falecer no ano passado?

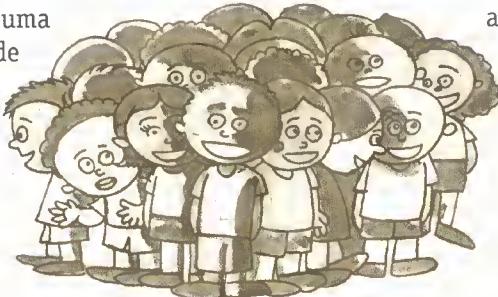
Paixão Côrtes: Nos encontramos para uma ideia remanescente dos Tropeiros e dos Gaudérios, pensamos em fazer alguma coisa em conjunto, mas eu tenho uma vida muito agitada e o Zé também tinha - mas revivemos. Nós moramos juntos em Paris. O Zé Gomes tirava uma sonoridade muito especial. Era um grande estudioso das manifestações sonoras e eu guardo sempre com muito carinho a lembrança dele.

Professor, alicerce da educação

Por Carlos Alexandre Netto, Reitor da Ufrgs

Todos lembramos, com ternura e alguma precisão, do primeiro dia de aula, de episódios marcantes vividos na escola e daqueles professores "especiais". São memórias consolidadas pela importância que naturalmente atribuímos a essa fase tão importante da vida, e os alicerces desse processo de desenvolvimento e aprendizagem são os professores. São eles os responsáveis pelo despertar da paixão por aprender, pelo encanto de determinadas matérias, pelo gosto de ler e estudar. De fato, são copartícipes da formação dos nossos processos cognitivos, do estabelecimento de conexões entre as células nervosas que nos fazem aprender, e pelas escolhas profissionais. Paradoxalmente, sua vital importância para o desenvolvimento pessoal e a construção da cidadania não tem recebido o devido reconhecimento social. Nos dias de hoje a gratificação de ensinar é muitas vezes abafada pelas situações de violência nas escolas, pela extenuante jornada de trabalho e pela insatisfação por salários incompatíveis com as responsabilidades.

Um projeto sério de nação tem na educação um de seus pilares. Dono de uma das maiores economias do mundo, o Brasil apresenta indicadores educacionais disparecidos e preocupantes. Ao lado de um dos mais avançados sistemas de pós-graduação e de produção científica, o desempenho dos estudantes do ensino básico em exames nacionais de avaliação tem melhorado, mas ainda está aquém do esperado; e o pronunciado déficit de professores, em várias disciplinas, demonstra o estado crítico do sistema. Somam-se a esse quadro alguns desafios contemporâneos: o acesso à informação é instantâneo, mas sozinho não gera conhecimento; a



atitude individualista ofusca os valores fundamentais do respeito e da solidariedade; e a falta de limites e a violência exigem capacidade de mediação e resiliência.

É necessário formar melhor os novos professores e oferecer oportunidades de educação contínua. Grande esforço para a qualificação da educação vem sendo feito pelos diferentes níveis de governo - municipal, estadual e federal - com investimentos crescentes em programas, escolas e infraestrutura. A criação de novos cursos de licenciatura e de novas universidades e a implementação da Universidade Aberta para formação na modalidade à distância são exemplos de corajosa e necessária política nacional de formação de professores. Além de manter o bom rumo das políticas públicas que têm alcançado sucesso, é fundamental o estabelecimento de articulação das ações, uma vez que educação de qualidade, em todos os níveis, é questão de estado, direito de todos e base para o desenvolvimento sustentável do País. A universidade, instituição que tem entre suas funções a democratização do saber, desempenha sua tarefa de refletir sobre a educação e de formar os professores para todos os níveis de ensino, da creche à pós-graduação, e reafirma sua participação nesse processo.

O dia 15 de outubro, definido por decreto para reconhecer o papel do professor na sociedade, marca também a criação do Ensino Elementar do Brasil, por Dom Pedro I. Devemos ler o dia do professor como o dia da educação, o dia em que se celebra o investimento no maior potencial de desenvolvimento do País: o povo brasileiro.



Dia do Professor é comemorado com jantar de confraternização



Fotos: Suzana Pires

Encontros e reencontros de amigos e colegas de profissão foram o ponto alto do jantar realizado em comemoração ao dia dos professores, no restaurante Parrilla Del Sur, na sexta-feira, 15 de outubro. A confraternização contou com a presença de docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul/ Campus Porto Alegre (IFRS). Segundo Claudio Scherer,

presidente da Adufrgs-Sindical, até a véspera do evento, quinta-feira, haviam sido vendidos apenas 80 convites, por isso a previsão do restaurante para reservas era de 150 pessoas. Porém, a expectativa foi superada, e devido à grande procura, ocorreu um pequeno atraso na cozinha do restaurante, que logo em seguida foi esquecido, com a chegada do jantar.

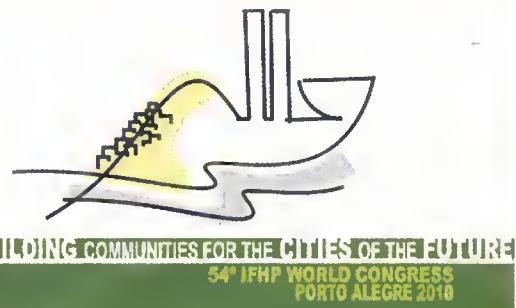
Em um ambiente agradável, alegre e descontraído os participantes colocaram a conversa em dia e se divertiram. Scherer destacou a importância do evento realizado para comemorar a data e parabenizou a todos os professores presentes na ocasião. Durante o jantar, foi realizado um sorteio com brindes para os participantes. O professor Fernando Livi, do Instituto de Geociências, teve seu convite sorteado e ganhou uma TV LED FullHD Phillipis 32 polegadas. "Nosso ofício de professor é maravilhoso, porque proporciona um contato maior com os jovens", destacou Livi ao receber o prêmio. A docente Lucia Couto Terra, do Colégio de Aplicação, por sua vez lembrou que a profissão "era um desejo, desde quando era pequena". Ela ganhou, no sorteio, um netbook Acer. Já a professora Liliane Froemming, do Instituto de Psicologia da Ufrgs, foi contemplada com um HD externo Samsung de 500GB. "Estou atuando há 30 anos como professora e poderia me aposentar, mas continuo na ativa. E um prêmio como esse, estimula ainda mais a continuar nesta profissão."▲



Bolsas de estudo em Israel

A Embaixada de Israel, em colaboração com o Centro de Cooperação Internacional do Ministério das Relações Exteriores (Mashav), abriu inscrições para diversos cursos em Israel, com direito a bolsas de estudos. Os programas, que visam desenvolver os recursos humanos e habilidades profissionais, combinando teoria e planejamento prático, enfatizam a erradicação da fome e pobreza através de um crescimento contínuo, proteção ambiental, desenvolvimento comunitário e transferência de tecnologia.

Os interessados em obter mais informações devem acessar o link "Cooperação Internacional" no site <http://brasilia.mfa.gov.il>



Cidades do futuro

O 54º Congresso Mundial International Federation for Housing and Planning (IFHP) 2010 será realizado em Porto Alegre, de 14 a 17 de novembro deste ano, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Puc/RS). O evento engloba os aspectos relevantes para o desenvolvimento das cidades e pretende promover um debate entre profissionais, gestores públicos, professores, estudantes e público em geral sobre o tema Construindo Comunidades para as Cidades do Futuro.

Atualmente, muitas urbes em todo o mundo estão sendo desafiadas por questões sociais, econômicas e ambientais ligadas ao planejamento e ao desenvolvimento urbano. Entre os laboratórios propostos pelo Congresso estarão temas como Copa do Mundo 2014 e Orla de Porto Alegre.

Mais informações, no site <http://www.ifhp2010portoalegre.com.br>

Comunicação educativa

A Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (Eca-USP) será a primeira a ministrar um curso de licenciatura em Educomunicação no Brasil. A criação de uma graduação específica para a área revela o enorme impacto das novas tecnologias da comunicação na aprendizagem. A USP prevê que o educomunicador atue em dois ramos: nas escolas de educação básica, nas funções de professor de comunicação ou assessor de projetos pedagógicos que englobem mídias como jornal, internet, cinema, tevê e rádio, ou ainda como consul-

tor de ações educacionais em empresas e ONGs.

Os professores devem trabalhar com um novo "paradigma educacional", que tem o aluno como ator principal da aquisição de conhecimento. No Ensino Básico, o educomunicador poderá atuar como gestor de processos comunicativos.

Para tanto, o currículo do curso foi estruturado focando o domínio dessas tecnologias, como internet, rádio e televisão. Além do mais, parte da grade horária estará a cargo da Faculdade de Educação (Feusp), responsável pelas teorias e práticas de ensino.

A criação de uma graduação específica para educomunicação vem em resposta a uma demanda já existente nas instituições de ensino, principalmente a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que abriu a possibilidade de abordagem para as áreas de mídia e comunicação, principalmente, no Ensino Médio.

O ingresso para a licenciatura em Educomunicação será realizado por meio do vestibular da Fuvest, com 30 vagas no período noturno.

Fonte: Carta Capital

Assis Brasil

da Oficina de Criação Literária à Secretaria de Cultura do Estado

Por Michelle Rolante

Romancista, ensaísta, cronista, violoncelista e professor, Luiz Antonio de Assis Brasil agora também é o novo Secretário da Cultura do Rio Grande do Sul. Convidado pelo governador eleito, Tarso Genro, o escritor assume a nova função a partir de janeiro de 2011. O futuro secretário atuará como um administrador dos projetos descritos no plano de governo, baseados em 13 pontos.

Segundo ele, algumas questões já se desenham e estão elencadas dentro dos itens propostos. O objetivo principal é buscar dialogar com parceiros, com a sociedade civil, instituições populares importantes e relevantes, além de disseminar pontos de cultura por todo Estado. De acordo com o escritor, a sociedade civil está muito mais organizada em diferentes planos da cultura e sem fazer nenhuma espécie de hierarquia dessas diferenças. "O nosso estado é tão múltiplo, que não pode ser representado apenas pelo gaúcho do Pampa", avalia. Para isso, é necessário

entender a cultura como um processo que vai se transformando a cada dia.

O Rio Grande do Sul tem dezenas de instituições culturais relevantes, que desenvolvem um trabalho importante nesta área e "devemos pensar como revitalizá-las", segundo Assis Brasil. Entre as mais visíveis, ele cita a Orquestra Sinfônica, Fundação Piratini, FM Cultura e a TVE. O primeiro passo do novo secretário será realizar uma grande conferência sobre cultura para fazer uma avaliação e acompanhar como está o desenvolvimento no Estado.

"Nesse momento, estão ocorrendo os debates entre as forças políticas que apoiaram o governador e, a partir daí, serão estabelecidas as prioridades", salienta, destacando que é necessário saber o que o Rio Grande do Sul dispõe na área de investimentos, sem depender exclusivamente disto. "Eu pretendo agir como um coordenador da realização dos projetos aprovados e que constam nas propostas apresentadas pelo governador eleito", resume.

Lapidando talentos e aprimorando a técnica

A Oficina de Criação Literária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Puc/RS) surgiu em 1985, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, e é a mais antiga do Brasil. Com duração de dois semestres, as aulas, proporcionam um espaço para a discussão do texto narrativo, como: perspectivas do narrador, linguagem e a criação da personagem. Para comemorar os 25 anos de atuação ininterruptos da Oficina de Criação Literária foi lançado o livro contos de oficina 40. A obra reúne a produção de nove jovens autores oriundos da 40ª turma do curso.

"Passaram por ali cerca de 700 alunos até hoje, mas não saíram 700 escritores, e sim 700 pessoas que aprenderam a ler melhor e tornaram-se mais exigentes como público", destaca o professor. Ele confirma que existem aqueles que se destacam por múltiplas razões, como talento e disponibilidade de tempo para escrever, entre outros fatores.

Para Assis Brasil, a formação de um escritor depende, em primeiro lugar, da leitura. "O aluno deve ser um grande leitor e ler não só o texto literário, mas também a crítica e a resenha de jornal", afirma o professor. Participar da vida literária, entender os

mecanismos de publicação e circulação de um livro são pontos considerados importantes nesse processo. "Além de cultura, é preciso ter maturidade existencial e, se possível, fazer uma oficina literária", recomenda.

Ele lamenta que na época de jovem escritor não houvesse oficinas literárias. "Eu daria passos muito mais rápidos", opina o escritor, contando que isso é recorrente. "Se pensarmos em Gustave Flaubert, por exemplo, sabemos que ele reunia amigos deles e lia Madame Bovary de maneira quase obsessiva, para dizerem o que achavam daquilo", exemplifica. "Maupassant é que disse: eu fiquei com o senhor Flaubert durante sete anos sem escrever nada, mas eu estava aprendendo com ele. Por isso, essa ideia da aprendizagem da técnica e o exercício de motivos de inspiração são muito antigos. Porém, em nosso País, isso ainda é novo."

De acordo com Assis Brasil, nesses 25 anos foi possível observar a mudança de perfil dos alunos - no início, eles tinham como objetivo melhorar o texto. Hoje esses alunos querem ser escritores e abrem mão de tudo para conseguir. "Isso chega a ser assustador. É algo bom, desde que a pessoa vá com prudência, temperando com a ousadia", alerta. □

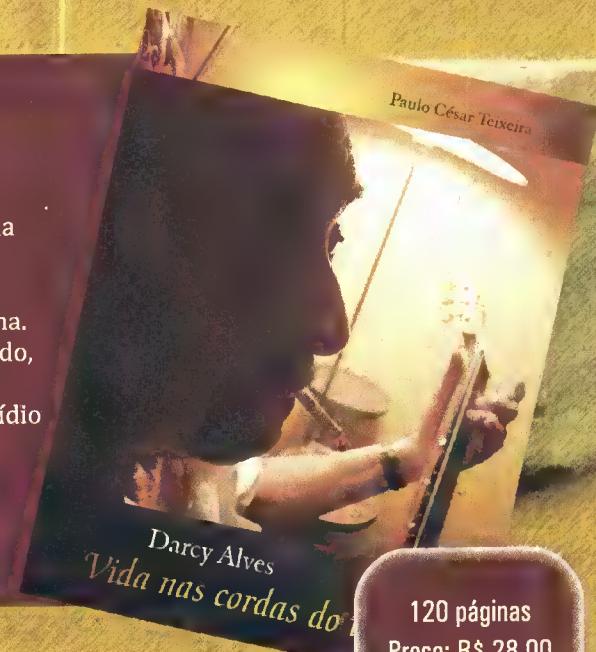


Darcy Alves – Vida nas cordas do violão

Autor: Paulo César Teixeira

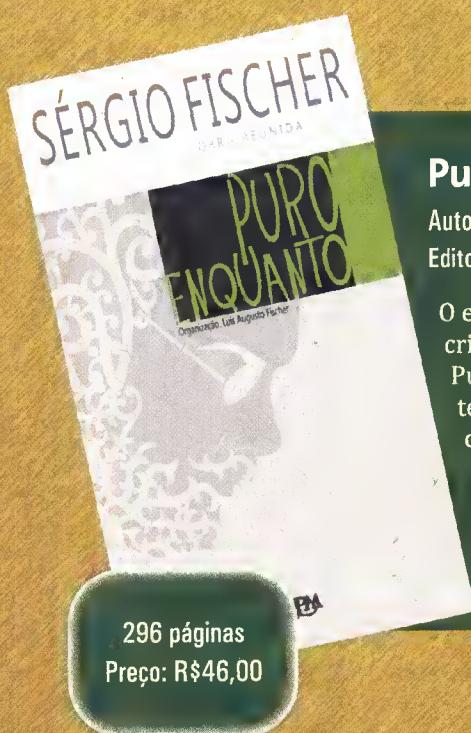
Editora: Libretos

Contar a história do cantor e violonista Darcy Alves é resgatar a cena musical e boêmia de Porto Alegre ao longo dos últimos 50 anos. A trajetória do músico de 76 anos de idade está relatada no livro do jornalista Paulo César Teixeira, com apresentação de Paulo Sant'Anna. Parceiro de Lupicínia Rodrigues, o professor Darcy, como é conhecido, também acompanhou ao violão artistas como Jamelão, Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Ângela Maria, Altemar Dutra, Francisco Egídio e Clara Nunes, entre outros. Já o autor, ganhou o Prêmio ARI/Categoria Jornalismo Cultural com as reportagens A Rua da Margem e Um certo Erico Veríssimo, em 2008 e 2005, ambas publicadas na revista Aplauso.



120 páginas

Preço: R\$ 28,00



296 páginas

Preço: R\$ 46,00

Puro Enquanto

Autor: Sérgio Luís Fischer

Editora: L&PM Editores

O escritor Luís Augusto Fischer, em um gesto de amor e cuidado, fez uma criteriosa seleção dos textos do irmão, falecido em 2007, e os reuniu em Puro Enquanto. O livro reúne textos ficcionais, de poesia e artigos sobre temas variados, mas majoritariamente sobre literatura e educação, bem como depoimentos de pessoas que conheceram Sérgio Luís Fischer. A publicação representa uma viagem aos baús de um escritor que, por timidez, não quis mostrar-se e receber a devida atenção para sua produção literária.

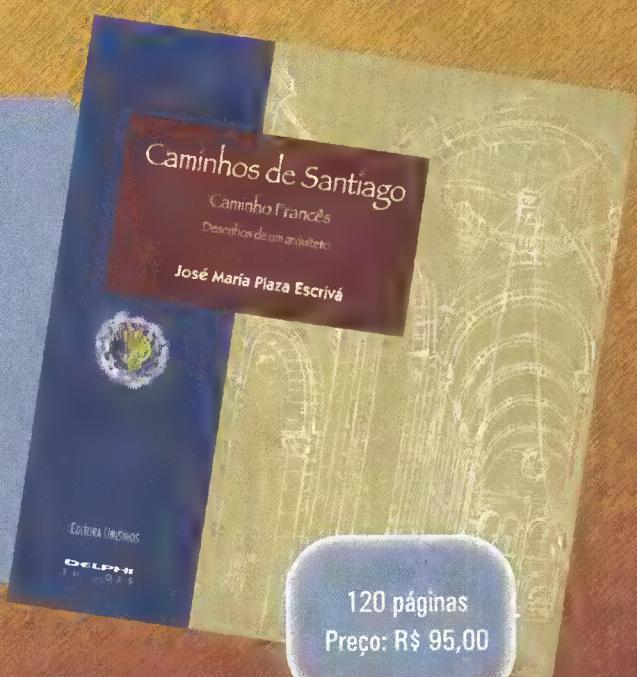
Caminhos de Santiago - Caminho Francês

Desenhos de um arquiteto

Autor: José María Plaza Escrivá

Editora: Unisinos

Livro de arte constituído por 44 desenhos bico-de-pena feitos pelo arquiteto madrileno José María Plaza Escrivá. Cada um dos desenhos representa edificações seculares do Caminho de Santiago de Compostela – Caminho Francês, o mais conhecido entre os caminhos -, como castelos, pontes, catedrais, monastérios. A descrição das características artístico-arquitetônicas de cada edificação desenhada é feita pelo historiador espanhol Alberto Echávarri Suberviela.



120 páginas

Preço: R\$ 95,00

Em tempo:

O texto da sinopse do livro Não há Silêncio que não termine - Meus anos de cativeiro na Selva Colombiana, de Ingrid Betancourt, publicado na edição 181, não representa uma opinião da Revista Adverso - apenas reproduz a ideia da autora.

Ao mestre, com carinho

Por Cláudia Rodrigues

Um professor pode mudar o curso da vida de um aluno. Sim, felizmente, isso ainda acontece, em pleno 2010. Ficam de lado notícias sobre desrespeito com a categoria, estudantes sem comprometimento com a comunidade e outras variáveis desanimadoras. Pelo contrário, o quem vem a seguir lembra situações como as do filme Sociedade dos Poetas Mortos, que emocionou gerações no final da década de 80.

Auditório da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), 11 horas da manhã de quinta-feira, dia 28 de outubro. Alunos, colegas e familiares da professora Jussara Pereira Santos amontoam-se em silêncio, com as luzes apagadas, para prestar uma homenagem surpresa. A mestre completa 70 anos de idade em novembro, e será obrigada a se aposentar.

Quando Jussara entra no local, muitas palmas, gritos, sorrisos e lágrimas: o reconhecimento a quem foi, é, e será parte da história da Biblioteconomia no Rio Grande do Sul. "Eu vi que tinha alguma coisa", diz ela confessando que chegou a desconfiar de alguns "furos" dados por colegas. Mas sua suspeita não diminuiu nem um pouquinho a grandiosidade do carinho e do respeito de quem convive com ela e fez questão de demonstrar por meio de presentes, discursos, abraços e agradecimentos. Representando os alunos, Carla Castilhos falou de improviso - talvez o depoimento mais significativo para quem vem ensinando há tantos anos gerações e gerações. "Fui tua aluna em muitas disciplinas e tuas aulas são muito motivadoras. Eu devo o meu curso à professora Jussara", ressalta Carla.

Na sequência, duas declarações emocionantes que a professora escuta sentada ao lado do marido Argileu e dos filhos Alexandre e Leonardo. "A pessoa, a professora, a bibliotecária Jussara fez do curso de Biblioteconomia da Ufrgs um dos melhores do Brasil", resume Cátia Leal, presidente da Associação Riograndense de Bibliotecas. Na mesma sintonia, a presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia, Loiva

Serafini, ex-aluna de Jussara, declara que o órgão procura - todos os dias - honrar todo o conhecimento que a professora dividiu com ela dentro e fora da sala de aula.

Chega a hora de Jussara falar. Apaixonada pela família, logo salienta que está faltando a filha Janaína (irmã gêmea de Alexandre), que mora na França. Brincando com a plateia, como se estivesse em sala de aula - ou em casa - a professora avisa: "eu não vou pendurar as chuteiras! É um pouco inacreditável, pois eu sabia que iria chegar aos 70 anos, mas não me sinto com esta idade, não me parece que vivi tudo isso, acho que eu conseguiria fazer mais um pouco. Vou continuar ligada à Biblioteconomia", declara.

Registrada no Conselho Regional de Biblioteconomia como a nona bibliotecária gaúcha, hoje a professora tão admirada é a mais antiga profissional em exercício no Rio Grande do Sul. Conhecida como a "tia das normas", por atuar na Gestão de Sistemas de Informação e de Organização e Tratamento da Informação, ministrando a disciplina de Normatização de Documentos, Jussara tem uma trajetória incrível. Para orgulho dos três filhos, ela foi a segunda no Estado a obter o título de mestre na sua área e é dela a criação da Biblioteca Central da Universidade, entre tantas outras façanhas.

"Sou também apaixonada pela minha profissão. Queria que todos vocês tivessem isso na vida", finaliza a professora arrancando gargalhadas de todos ao brincar que ela mesma sabe que não vai parar quieta em casa com a aposentadoria. Unanimidade. Argileu, Leonardo, Janaína, Alexandre, colegas, amigos e alunos têm certeza que ela não vai parar. Os netos Antonio e Bianca terão mais tempo livre da vovó. Mas não muito. Alguma coisa ela vai inventar para continuar fazendo a História da Biblioteconomia do Rio Grande do Sul. Ainda bem! A Adufrgs-Sindical parabeniza a professora Jussara reproduzindo ao lado, trechos de depoimentos de seus familiares.



Fotos: Ismael Maynard Bernini



O marido, Argileu, e os filhos Leonardo e Alexandre compareceram à homenagem feita para Jussara, na Fabico

Alexandre Pereira Santos (filho) - "A mãe para mim sempre foi uma referência muito forte de pessoa determinada, trabalhadora, séria e inovadora. (...) Devo a ela grande parte da visão libertária que tenho do mundo e de querer futuro melhor que o presente. (...)"

Profissionalmente, acho que ela é uma mulher fantástica. Trabalha demais, porque gosta de coisa bem feita, se exige uma correção e acerto, nos mínimos detalhes, e acaba imprimindo isso naqueles que trabalham com ela. (...) Hoje, com sua aposentadoria, encerra um capítulo de envolvimento formal e rigoroso com a academia, mas duvido que seja um abandonar desta profissão que levou adiante, com vanguarda, durante os últimos 50 anos.

Nesta hora de mudar de fase na carreira, quero deixar aqui o agradecimento imenso por todo o carinho dedicado e a felicidade que tive por ser seu filho, mesmo com tanto empenho na carreira. (...)"

Janaína Pereira Santos (filha): "Ela sempre foi meu exemplo de vida. (...) sempre teve confiança na gente e sempre nos respeitou, nos dando liberdade para escolher nosso caminho. (...) Foi ela quem me incentivou a ir morar fora. Ela nos contaminou com um ímpeto de correr o mundo e de ter independência - praticamente um vírus. (...) Mesmo que não tenha sido fácil para ela aceitar que sua única filha mulher iria mudar-se para o outro lado do Atlântico sem data para voltar, ela apoiou e respeitou minha escolha de morar em Paris. (...) Com certeza, boa parte do que eu sou e fiz até hoje eu devo à professora Jussara, um exemplo de independência, coragem e muita competência."

Leonardo Pereira Santos (filho):

"Talvez a melhor palavra que descreva minha mãe

seja força: para perseguir sua carreira com direito à mestrado nos EUA em uma época em que se voava de avião a hélice; para conjugar a carreira com a família; e para, depois de aposentar-se, começar novamente. (...)"

Agradeço o privilégio de ser filho dela. Por me ensinar que "querer é poder", que nossa vida é o que fazemos dela, e mostrar que nossos sonhos estão ao nosso alcance. Ah, sim, tenho uma reclamação: minha mãe estraga meus filhos! Bala antes da refeição e brincar no barro? Na casa da avó pode. Se perguntarmos para as crianças, qual é a vovó mais bagunceira, a resposta será a mesma: a vovó Jussara!"

Argileu Pereira Santos (marido):

"Após 39 anos de convivência, olhar para a Jussara é ainda muito prazeroso. Ver a companheira assumir sua maternidade, conciliando com as responsabilidades e compromissos profissionais, lutando pelo seu lar organizado, é muito bonito!

A profissional em biblioteconomia que conheci era admirável em sua praxis, na relação ética com seus colegas, no empreendedorismo associativo, na sua fé profissional e em uma visão futurista incontestável, fosse nos meios local, estadual, nacional ou internacional - como quando deixou a sua marca na embaixada brasileira em Paris.

Como professora, orgulho-me do seu método não só de ensinar, mas principalmente de estimular seus alunos a descobrirem suas capacidades de aprender e desenvolverem suas aptidões profissionais com raciocínio e ética. As várias homenagens, inclusive como paraninfo, mostram o significado para a vida de seus alunos, dos valores compartilhados com a mestra. (...)"



Ao final da homenagem, os colegas fizeram fila para tirar fotos e abraçar Jussara

O que dizem os colegas

"O sistema nos obriga a chegar a uma despedida. Mas eu sei que ela não vai parar."

Ana Maria De Moura – chefe do Departamento Ciência da Informação

"O respeito que o sistema de bibliotecas da Ufrgs tem nacional e internacionalmente se deve ao trabalho da Jussara." Viviane Castanho – ex-aluna e diretora da Biblioteca Central da Ufrgs

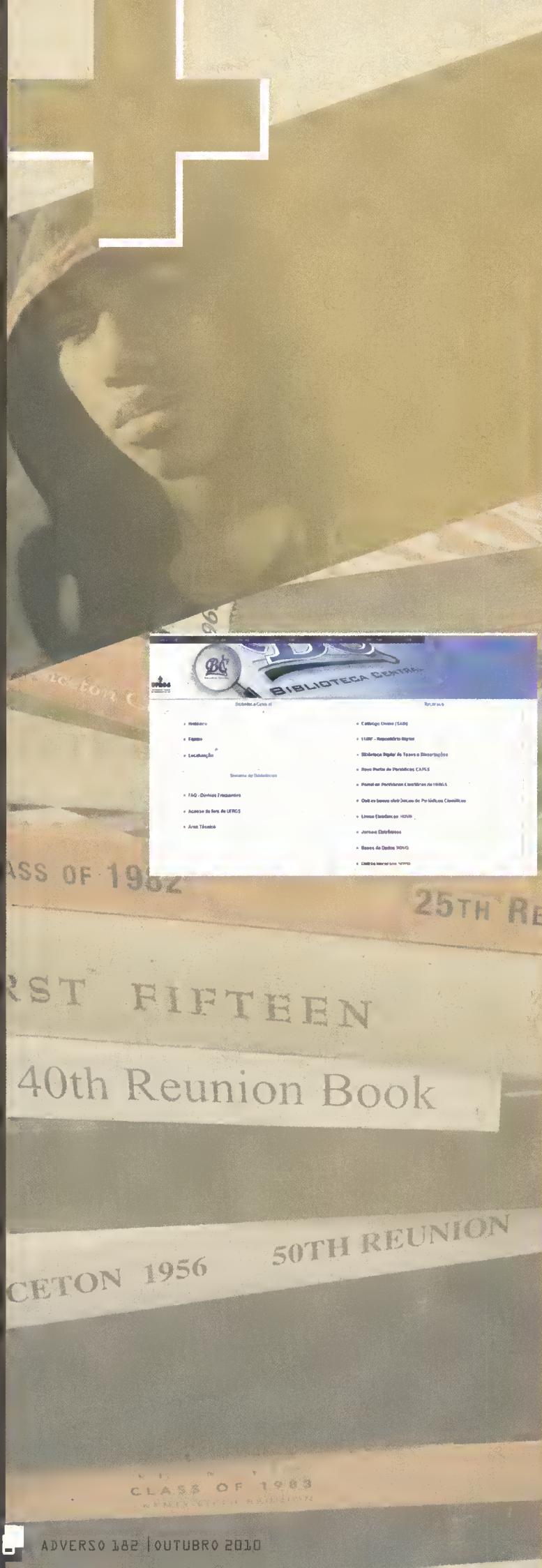
"Jussara sempre pautou sua atuação na defesa da camiseta da Ufrgs. Muito obrigado. A casa continua aberta." Ricardo Schneiders – diretor da Fabico

"Obrigado por andar ao meu lado para abrir o segundo curso de Arquivologia do Estado."

Ana Regina Berwanger – professora do curso de Arquivologia

"Bem-vinda ao curso de Museologia."

Ana Maria Dalla Zen – professora do curso de Museologia



+1 Filme

Ron Clark (Matthew Perry) é um professor temporário, ansioso para começar a lecionar no Harlem, em Nova York, apesar de dizerem que ele tem a "cor errada". Para a surpresa do diretor da escola, Clark quer assumir a pior turma do colégio. Ninguém sabia, mas ele estava reescrevendo não apenas a sua história, mas também a de várias outras pessoas. A obra está nas locadoras com dois títulos: O Triunfo ou A história de Ron Clark.

+ 1 Site

No link <http://www.biblioteca.ufrgs.br/> pode-se verificar porque o Sistema de Bibliotecas da Ufrgs é reconhecido dentro e fora do Brasil. O site oferece catálogo online (Sabi), repositório digital (Lume), biblioteca digital de teses e dissertações, portal de periódicos Capes, portal de periódicos científicos da Ufrgs, livros e jornais eletrônicos, entre muitas outras opções.

NO DIA EM QUE OS PATRONÁVEIS
ERUDITOS DA FEIRA DO
LIVRO SE REUNIRAM
PARA TOMAR
UMA SOPA





ABdufrgs
sindical